

DA OLARIA NAS CALDAS

Libertina Peralta *

Nas Caldas da Rainha, a par com a actividade termal, floresceu uma arte – a olaria. Ela foi impulsionada pelas próprias características do meio, que é rico em barro de boa qualidade e a procura de utensílios de olaria foi aumentando gradualmente, com a criação do Hospital Termal – séc. XIV. A própria Rainha D. Leonor abastecia-se de louça aí, para o real Hospital e Convento da Madre de Deus – Lisboa.

Durante 400 anos a olaria caldense afirmava-se de carácter utilitário, sem desprezar uma decoração simples mas que tornava as peças mais agradáveis de ver.

Esta actividade passou a fazer parte da tradição desta terra, como herança, segundo disse Ramalho Ortigão: *"Graças a uma extraordinária predisposição cerebral, graças à receptividade nativa, às hereditariedades profissionais de uma população de oleiros, filhos de oleiros, netos e bisnetos de oleiros, descendentes de oleiros através de inúmeras gerações, foram espantosamente rápidos os progressos dos aprendizes e dos oficiais na Fábrica das Caldas"*.

Através de raros documentos e por uma sólida tradição oral sabemos que no séc. XVII esta produção já era florescente, mas não existia nenhuma obra assinada até à segunda metade do séc. XIX.

É por volta de 1820 que a olaria das Caldas atinge o seu auge e conhecem-se alguns nomes: D. Maria dos Cacos da qual pouco se conhece, sendo apenas apoiada por tradição oral, que atribui a esta oleira um grupo de peças rústicas decorativas com a finalidade utilitária, geralmente destinadas a modestos compradores ou a tabernas, nunca assinadas.

Mais tarde, Manuel Cipriano Gomes – o Mafra – comprou a fábrica e os utensílios a Maria dos Cacos, em 1853 e é com ele que a olaria atinge uma craveira de verdadeira arte. Introduziu algumas inovações, que revolucionaram os costumes dos seus parceiros, aplicando no reverso das peças o carimbo comercial gravado no barro. No domínio do estilo, Manuel Mafra iniciou uma nova etapa, lançando no mercado uma gama de produtos que conquistaram

* Aluna do curso de Professores do Ensino Básico – E.S.E.L.

rapidamente a clientela: além da "verguinha" criou uma louça decorativa, que levou a uma separação progressiva entre os oleiros tradicionais e os ceramistas. Manuel Cipriano Gomes introduziu as cores da cerâmica das Caldas que ainda hoje perduram: azul, verde, castanho e amarelo.

Depois desta geração de oleiros, não mais se conhecem outros nomes. Porquê? Não sabemos, mas podemos adiantar que a olaria continuou a ser feita por gente anónima. Poder-se-ão admitir algumas hipóteses para a não existência de nomes:

- A evolução para uma cerâmica artística e abandono da roda;
- Ou então, terão sido, digamos, "*grosso modo*", "*abafados*" o seu nome, face à fama dos seus companheiros ceramistas.

BORDALO NAS CALDAS

Em 1884 com a chegada de Rafael Bordalo Pinheiro às Caldas, se bem que aqui se produzisse cerâmica, ele dá um novo e maior impulso a esta. A olaria sofre também as influências de renovação. Bordalo Pinheiro conjuntamente com o seu irmão Feliciano fundam uma fábrica de faianças que depressa se tornou numa "escola" de formação de ceramistas e cujos discípulos continuaram a renovação iniciada pelo mestre.

Bordalo Pinheiro é retratado por Schwarbach como "*quase alto, encorpado, muito simpático, expansivo, cabeça grande proporcionada ao corpo, farta cabeleira negra de risco ao lado e airoas popas, olhos brilhantes, expressivos, a falarem tanto como a sua boca de ironia sempre a crispar-lhe por entre o bigode*".

Sem grandes conhecimentos de ordem técnica e inspirado na tradicional loiça das Caldas, Bordalo faz aparecer em Junho de 1885 as primeiras peças de loiça artística saídas da então jovem fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. De uma fase ainda muito experimental, com fundos lisos ou escorridos, à maneira caldense, passa ao desenvolvimento de um género de loiça em cuja decoração utiliza elementos naturais daquela região; trabalhados num naturalismo impressionante, como cobras e lagartos, rãs, frutos, peixes e mariscos que vão ornar cântaros, jarras, bilhas, etc.. São 207 os modelos criados por Rafael Bordalo Pinheiro até Fevereiro de 1886, os quais, como já descrevemos, podem considerar-se possuidores de três características comuns:

- 1.^a — exuberância de decoração (nas formas, elementos e cores);
- 2.^a — motivos nacionais;
- 3.^a — olaria tradicional caldense.

Segundo a estudiosa Julieta Ferrão, podem-se distinguir na colecção deste artista três fases delimitadas por acontecimentos que o marcaram

profundamente:

- cerâmica artística;
- faiança utilitária ou louça comum;
- azulejos.

a) Cerâmica artística: 1884 / 1889.

É uma fase dominada essencialmente pelos pratos: "*prato da senhora da sombrinha vermelha*", o "*prato com cabeça de gato*", etc., suspensões, alcofas, jarras e canjirões, etc..

b) Faiança utilitária ou louça comum: 1889/1899

Libertando-se, pouco a pouco, da produção quotidiana da fábrica que confia, cada vez mais aos colaboradores, e, inspirando-se em estilos de raízes nacionais, vai entregar-se à modelação de peças ornamentais de grandes dimensões, criadas em puro gozo artístico. A Talha Manuelina (1892); O Baldaquino e Mísula (1892) e O Perfumador Árabe (1896), delicadíssima peça em filigrana de barro.

Por outro lado, a modelação da figura humana vai abrir perspectivas inesperadas. A caricatura que Bordalo não desperdiça.

A partir de 1890, e em consequência da reacção produzida pelo Ultimatum Inglês (1890), Bordalo vai exprimir através do barro, críticas violentas à detestada Albion. A figura que melhor serviu a essa crítica foi o odiado John-Bull que ele vai representar em forma de Caixa – John-Bull (1890), em forma de Cinzeiro – John-Bull e até, de Bacio – John-Bull (1890).

c) Azulejos: 1899/1905.

O azulejo português atinge o nível internacional, com Rafael Bordalo Pinheiro, que principia a sua concepção logo em 1884 e o aplica em grandes superfícies – fachadas interiores de residências. É provado que o azulejo abriu de todas as características já conhecidas – durabilidade, fácil limpeza, impermeabilização das superfícies – pode comportar ricos efeitos visuais e verdadeiras inovações no desenho e na técnica.

Vários géneros foram desenvolvidos por Bordalo:

- decoração em padrão,
- imitação de diversos materiais,
- letras e algarismos em relevo,
- composições livres em painéis, historiadores ou alegóricos.

A obra bordalina, no seu conjunto, constitui um excelente documento ilustrativo da evolução política e da vida social portuguesa nos últimos tempos da monarquia. Rafael Bordalo Pinheiro foi um crítico mordaz da sua época e os meios de expressão de que se serviu tiveram maior recepção junto dos vários tipos de público. A prosa espirituosa de Bordalo é reforçada pelos desenhos

caricaturais e ganha uma forma de expressão acessível a todos, pois o índice de analfabetismo em Portugal, em 1890 era de 76%. A crítica social e a sátira política são feitas por Rafael Bordalo Pinheiro muito mais através dos desenhos do que da cerâmica.

Muitas das caricaturas que Bordalo desenhava para os seus jornais, vieram depois a dar origem a divertidas peças de cerâmica. É o caso da imortal figura do Zé Povinho, que Rafael Bordalo concebeu em 1875 para figurar no jornal humorístico "*A Lanterna Mágica*", vindo mais tarde, por volta de 1890, a dar-lhe cor e volume nos famosos bonecos de barro.

Estudo de uma Olaria

1. Do barro ao modelado
2. Produção
- 2.1. Tipo de peças

A olaria que se fazia no início deste século, nas olarias da região era do tipo utilitário e seguia um design tradicional da região. Produziam peças como: bilhas, vasos, talhas, tarros, alguidares, fogareiros, bacios, tachos, enfim, peças para responder à procura do meio rural.

A partir dos anos 60/70, houve uma tentativa de dar valor artístico às peças, mas mantendo sempre a forma tradicional.

As condições climáticas influenciavam a produção porque as peças eram secas ao sol, antes de irem para o forno. Por isso, aproveitavam o inverno para a execução de grande parte delas, procedendo no Verão à respectiva secagem.

- 2.2. Fases de produção de uma peça
- 2.2.1. Local de extracção do barro – o Barreiro

Os barreiros localizavam-se na região das Caldas, mais propriamente : no Couto, na Quinta de Moisés Sales Henriques (estrada de Tornada) e no Barreiro dos Arneiros. Actualmente, estes barreiros encontram-se encerrados.

- 2.2.2. Preparação do barro

O barro era partido, triturado e posto num tanque com água, durante uns três dias. Depois de derretido, era passado por um peneiro que filtrava, ficando os grãos de maior granometria no peneiro. Depois deste processo, é adicionado ao barro no estado líquido, outro barro em pó (também limpo de impurezas), para assim se obter o barro no estado sólido (com plasticidade) e se poder trabalhar. De seguida, o barro levava umas cacetadas (com a foice), para se tornar homogéneo e tirar toda a granometria que continha. Actualmente, este processo é feito por uma máquina misturadora, que leva menos tempo na preparação.

2.2.3. A oficina e anexos

O barro era transportado dos barreiros por carro de bois e a argila era depositada na oficina do oleiro, num pátio contíguo à casa.

A oficina encontrava-se anexa à casa de habitação do oleiro. Na oficina encontramos: um pátio onde, como já referimos, se coloca o barro e se faz a preparação. No pátio também se põem os cacos.

Num espaço à parte, existem muitas peças arrumadas em cima de tábuas de pinho. O tecto serve também de local de armazenamento e dentro da própria oficina existem peças, também elas armazenadas, esperando por clientes.

Encontramos, também, dentro da oficina o pisão, a tafona e o forno, num local mais afastado.

2.2.4. A roda de oleiro

A roda é feita de madeira, excepto os parafusos que servem para juntar as peças. A roda feita de madeira tem, aproximadamente, 50 cm de diâmetro. Tem um pilar de madeira e em cima encontra-se a folha onde se coloca o barro, para ser trabalhado.

2.2.5. A modelação

A modelação processa-se por duas fases: a execução e o acabamento.

Depois da fase de preparação do barro, ele é colocado na roda onde se inicia a execução, com auxílio do louceiro (recipiente onde se tem água para trabalhar o barro), da cana (para modelar a peça), que aparece com várias formas, consoante o tipo de trabalho que se quer fazer; da linha ou garrote (serve para retocar a peça na roda, cortando-a) e das esponjas que podem ser naturais ou de nylon e servem para alisar a peça.

Após este trabalho obtém-se uma peça, só que ainda não está acabada. Segue-se, então, a segunda fase: a de acabamento, onde se fazem os fretes (as bases das peças) com as fretadeiras que existem de várias formas. Seguidamente, colocam-se as asas. Depois, coloca-se a peça ao sol a secar, antes da primeira cozedura. Só depois podem ser vidradas.

2.2.6. A ornamentação

2.2.7. A primeira cozedura

2.2.8. A vidragem

As peças em barro nem sempre são vidradas, como é o caso da bilha de água que quanto mais porosa fôr, melhor conserva a água fresca.

As peças só são vidradas depois de terem ido uma primeira vez ao forno.

Para as peças poderem ser vidradas, o oleiro tem de fazer o vidro. Para fazer o vidro é necessário:

- chumbo, que é queimado numa fornalha própria, durante 24 horas e sempre a mexer para não ganhar grão. Uma vez o chumbo queimado, é retirado da fornalha, pesado e dividido em quantidades de 15 kg;

- areia
- óxidos: de ferro, cobre, cobalto ou manganês que, quando adicionados com o chumbo e a areia dão, respectivamente, o vidro de cores amarelo, verde, azul e castanho (cores características da louça das Caldas).

A mistura, anteriormente referida, é feita na tafona, que tem a configuração cilíndrica com 1 m de altura e 80 cm de diâmetro. Dentro tem uma meia lua em pedra, a qual está agarrada a um ferro por meio de uma corrente e que tem ainda uma manivela que faz rodar a pedra.

Para se obter o vidro são necessárias as seguintes quantidades: 15 kg de chumbo, 8 kg de areia e, aproximadamente, 750 gr de óxido (qualquer um dos referidos consoante a cor desejada).

Uma peça pode ser vidrada a pincel ou a banho.

Quando se vidra por imersão, passa-se por cinco fases:

- mergulho da peça no vidro;
- retira-se;
- sacode-se;
- retoca-se a base com o pincel.

Depois coloca-se a peça a secar. Só depois de seca pode ir novamente ao forno.

Em resumo, as fases de produção de uma peça são:

- preparação do barro;
- execução;
- acabamento;
- secagem;
- enfornar / desenfornar;
- vidrar;
- secar;
- enfornar / desenfornar.

3. Escoamento da produção

As peças eram vendidas ao longo de todo o ano, mas o tipo de peça variava consoante as estações do ano. Assim, durante o Verão, vendiam mais bilhas, enquanto no Inverno vendiam mais talhas.

A partir dos anos 70, a procura do meio rural começou a decrescer e então os oleiros viram-se obrigados a procurar mercado certo para o escoamento das suas peças, começando a produzi-las por encomenda.

4. Horário de trabalho

No início do século, o horário de trabalho era de sol-a-sol, durante todos os dias úteis inclusivé ao Sábado, e aos Domingos o trabalho findava por volta do meio-dia.

5. Rendimento

No período que medeia entre os anos 10 / 60, viver exclusivamente da olaria era difícil, principalmente para quem dispunha de uma família numerosa.

Mas, posteriormente, quando as olarias em Caldas da Rainha começaram a rarear, a procura aumentou e, conseqüentemente, a olaria tornou-se uma actividade mais rentável.

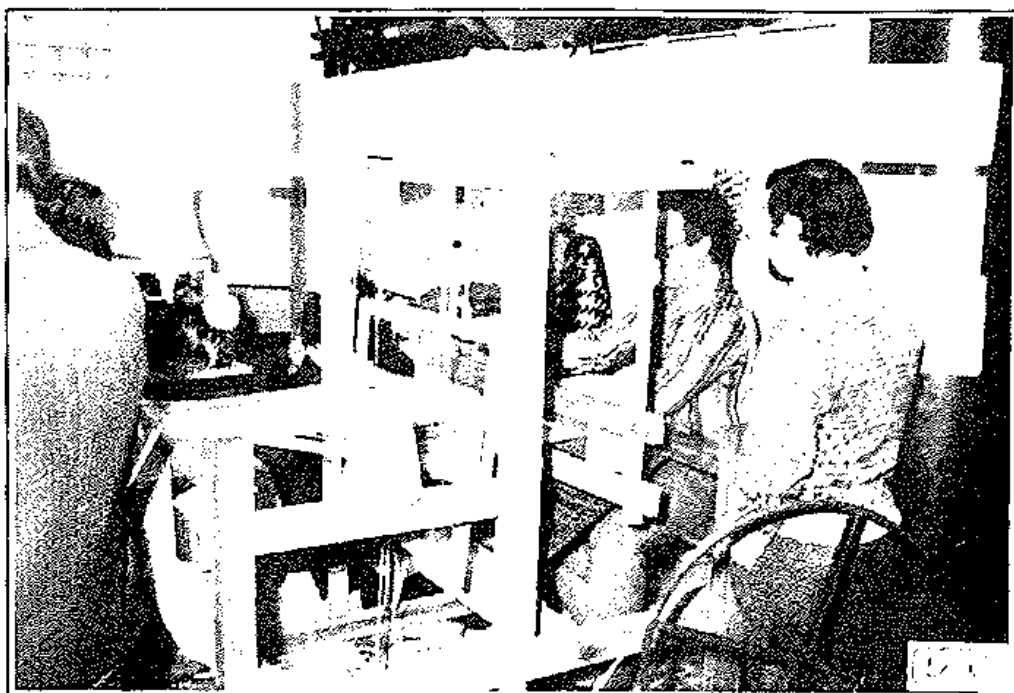
6. Doenças

A doença mais grave a que estavam sujeitas as pessoas que trabalhavam no barro era e, ainda é, a silicose, devido aos póis do barro, dos óxidos, etc.. Para se protegerem desta doença, os oleiros usavam lenços, mas, actualmente usam máscaras.

O Futuro da Ollaria em Caldas da Rainha

Segundo o oleiro João dos Reis, o futuro da olaria irá ser risonho, devido à existência de um curso de cerâmica no CENCAL, no qual se inscrevem numerosos jovens, que por vezes não estão muito motivados para o curso, mas, depressa acabam por gostar e alguns deles revelam-se bastante talentosos, produzindo peças de muito boa qualidade. Quando acabam o curso, eles pensam em abrir o seu próprio atelier.

E nesta bela cidade, existe ainda uma Associação de Artesãos, onde todos os artistas do barro que tenham um estilo único e pessoal se inscrevem, podendo a partir dali, concorrer a feiras e exposições que se fazem um pouco por todo o Portugal.



Um dos ateliers que funcionaram na Escola ao longo das Jornadas



Visita guiada ao Museu Etnológico de Monte Redondo